

**CIRCULAÇÃO ENTRE AS UNIVERSIDADES DO PLATÔ DAS
GUIANAS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E
INTERNACIONALIZAÇÃO
PROPOSTAS TRANSFRONTEIRIÇAS**

**CIRCULATION AMONG THE UNIVERSITIES OF GUYANA PLATEAU FOR
PROFESSIONAL QUALIFICATION AND INTERNATIONALIZATION
PROPOSALS THROUGH BORDERS**

Mariana Janaina dos Santos ALVES*

RESUMO

Este relato de experiência é resultante do trabalho que vem sendo desenvolvido na Divisão de Cooperação e Relações Interinstitucionais (DICRI) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), no *Campus* Binacional de Oiapoque. Esta divisão existe desde março de 2015 e desenvolve a cooperação interinstitucional na região de fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. Neste relato, especificamente, serão apresentadas as ações da DICRI no ano de 2016, tais como a participação no evento *I Journée d'Étude Circulation des individus, des savoirs et des pratiques culturelles dans Le Plateau des Guyanes/I Jornada de Estudos Circulação de Indivíduos, dos saberes e práticas culturais no Platô das Guianas*, na Universidade da Guiana Francesa, que reuniu pesquisadores de Brasil, Guiana, Guiana Francesa e Suriname, e em outros realizados em Oiapoque. Para tanto, definiu-se primeiramente, o perfil da divisão, as ações propostas e algumas reflexões sobre os desafios que envolvem a gestão da DICRI na fronteira. Em seguida, foram descritas as propostas sugeridas às outras instituições de ensino superior que compõem o Platô das Guianas para que haja a efetiva internacionalização de ensino e pesquisa nessa região. O aporte teórico usado neste trabalho está ancorado em estudos recentes de pesquisadores da região, tais como Porto (2011), Porto e Nascimento (2013), Silva (2011), dentre outros voltados a relações internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Relações Internacionais; Universidades; Internacionalização de Ensino e Pesquisa; Formação Profissional.

ABSTRACT

This experience report is a result of the work being carried out in the Cooperation and Interinstitutional Relations Division (DICRI) of the Federal University of Amapá (UNIFAP), at the Binational Campus of Oiapoque county. This division exists since March 2015 and it develops interinstitutional cooperation at the Brazil-French Guiana border region. In this report, specifically, the actions of DICRI in the year of 2016 will be presented, such as its participation in the event *I Journée d'Étude Circulation des individus, des savoirs et des pratiques culturelles dans le Plateau des Guyanes / 1st Journey of Circulation of Individuals Studies, knowledges and cultural practices in the Guyana Plateau*, at the University of

* Professora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), com Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Francesa. Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando principalmente nos seguintes temas: estudos literários, leitura, história, cultura, tradução cultural e intersemiótica. Atualmente é professora de língua e literatura francesa na graduação de Letras (Português/Francês) no *Campus* Binacional de Oiapoque. Chefe da Divisão de Cooperação e de Relações Interinstitucionais (DICRI) da UNIFAP e membro do Núcleo de Pesquisa em Estudos Literários (NUPEL) no Cnpq. *E-mail:* marianaalves@unifap.br.

French Guiana, which brought together researchers from Brazil, Guyana, French Guiana and Suriname, and also its participation in other events at Oiapoque county. To do so, firstly the profile of the Division was defined, as well as the proposed actions and some reflections about the challenges that involve the management of DICRI at the country's border. Next, the suggested proposals were described to the other higher education institutions that constitute the Guianas Plateau, to have an effective teaching and research internationalization in that region. The theoretical framework of this experience report is anchored in recent studies by researchers from that region, such as Porto (2011), Porto and Nascimento (2013), Silva (2011) as well as other authors whose studies addresses international relations.

KEYWORDS: International Relations; Universities; Internationalization; Professional Qualification.

Trabalho submetido em agosto de 2016. Aprovado para publicação em abril de 2017.

1 INTRODUÇÃO

A Divisão de Cooperação e Relações Interinstitucionais (DICRI) existe desde março de 2015 no *Campus* Binacional de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Ela foi criada para representar na fronteira a Pró-Reitoria de Cooperação e Relações Interinstitucionais (PROCRI), que se encontra no *campus* central da UNIFAP em Macapá, capital do Amapá. O propósito desta divisão é promover cooperação e parcerias com outras instituições nacionais e internacionais, além de incentivar o fomento à pesquisa, ao ensino e ao intercâmbio acadêmico, agregando valores culturais e científicos para uma excelente formação acadêmica.

Além desses objetivos, a Divisão foi criada para apoiar, entre as unidades e os departamentos acadêmicos, propostas de docentes e técnicos com nível superior que visem à cooperação científica nas áreas de ensino, pesquisa e pós-graduação.

As ações da DICRI em Oiapoque, região de fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, estão intimamente atreladas às metas de internacionalização da UNIFAP traçadas pela PROCRI em Macapá desde o início de sua gestão em 2014. Entre elas, destacam-se a aproximação com os grandes centros de pesquisa do Platô das Guianas e a execução de projetos integradores com ênfase no desenvolvimento regional e fortalecimento da relação com a Amazônia Caribenha, sendo esta uma plataforma de projeção técnica, científica e comercial de Brasil e Caribe; entendendo-se, dessa forma, que esse entorno geográfico apresenta grande potencial para a construção de um projeto de internacionalização profícuo e diferenciado.

Assim, no município de Oiapoque/AP, a DICRI desenvolve um trabalho que visa alinhar as instituições localizadas no território¹, a fim de contribuir para a consolidação do *Campus* Binacional na fronteira, bem como pensar estratégias que possam ser realizadas entre as universidades e institutos de

¹ A divisão trabalha na cooperação entre as instituições do Platô para firmar parcerias por meio da assinatura de convênios, termos de cooperação e acordos. No *Campus* Binacional, tem-se, desde 2015, um acordo de cooperação entre a UNIFAP e a Université de Guyane (UG), assim como termos de cooperação assinados com outras instituições, como o Institut de Recherche pour Le Développement (IRD), e associações, como a DAAC Guyane.

pesquisa desta região (Institut de Recherche pour Le Développement- IRD, Université de Guyane), nas mais diversas áreas que têm como foco estudos realizados na Amazônia.

Nesse sentido, o presente relato de experiência pretende expor algumas ações ligadas à internacionalização do *Campus* Binacional que resultaram positivamente, inclusive, para a criação de novos projetos. A especificidade que envolve a cidade, que conta com uma população de aproximadamente vinte mil habitantes, porém, com estimativa de 24 mil segundo o IBGE 2016², é fator primordial para pensar caminhos bem definidos quando se trata de uma cidade fronteira do Brasil no extremo norte e que se encontra em fase de desenvolvimento urbano e social, principalmente após a chegada da Universidade Federal do Amapá no município e a oferta de seus oito cursos de graduação para a comunidade.

2 AS AÇÕES DA DICRI E REFLEXÕES SOBRE O PLATÔ E A INTERNACIONALIZAÇÃO

Ao considerar as questões destacadas acima para o desenvolvimento do *Campus* Binacional, a DICRI propôs, com base nos princípios ligados à internacionalização, ações pontuais para debutar o intercâmbio entre as universidades no contexto do Platô das Guianas, território composto pelos países da Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela.

Nesse sentido, com base nos estudos de Jadson Luís Rebelo Porto, Eliane Superti, José Alberto Tostes e Eleneide Doff Sotta, no artigo *Reformatação da fronteira amapaense: das políticas públicas aos planos diretores e ambientais* (2011), é possível afirmar que a elevação dos temas de fronteira pode tanto auxiliar na melhoria real das condições de vida das populações fronteiriças, como também fortalecer os laços de amizade e de trabalho conjunto do continente sul-americano (PORTO et al., 2011, p. 34).

² IBGE CIDADES. Censo. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=160050>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

Assim, entende-se que as ações, nessa fronteira, se consolidam a partir da cooperação entre os países.

Ressalta-se ainda que nesse território tem-se a única fronteira do Brasil com a União Europeia (pela Guiana Francesa), fato que, no processo de internacionalização, é considerado relevante para o local. Por esse motivo, as relações de cooperação na UNIFAP firmam-se com propósito interinstitucional, pois agregam não apenas as universidades, mas também outras instituições, organizações não governamentais (ONG's) ou associações que trabalham, na maioria das vezes, com financiamento da União Europeia.

Dessa forma, pode-se admitir, sobre a internacionalização das instituições, que:

as estratégias de internacionalização, que são definidas como "iniciativas adotadas pelas IES para incorporar uma dimensão internacional à pesquisa, ao ensino e ao serviço de educação superior"(DE WIT, 1998, p. 121), compreendem iniciativas tais como o desenvolvimento de programas acadêmicos que incentivem a mobilidade de estudantes e do *staff*, promovam a internacionalização do currículo e o estudo de idiomas; a colaboração em pesquisa, seminários e conferências internacionais; assistência técnica, programas de educação a distância; abertura de filiais e franquias no exterior, entre outras (DUARTE, R. G.; CASTRO, J. M. de; CRUZ, A. L. A.; MIURA, I. K., 2012, p. 349).

Nesse sentido, pensaram-se políticas internas na UNIFAP que pudessem favorecer, especialmente, os pesquisadores do *Campus* Binacional a desenvolverem pesquisas ligadas à região.

O primeiro incentivo dado aos professores na UNIFAP foi a criação de editais de financiamento específico para a fronteira, uma vez que existem estudos na região, por exemplo, sobre as temáticas indígenas ou sobre o meio ambiente que são compartilhados entre os dois países, realizados por laboratórios de pesquisa³.

³ A título de ilustração, cita-se o Oyapock Observatoire Homme/Milieux do Centre National de La Recherche Scientifique (SNRS).

O primeiro edital, referente ao Programa de Incentivo à Pesquisa Aplicada para Professores – Área Comunidade Indígena⁴, foi promovido pelo Programa Santander Universidades para concessão de incentivo à pesquisa aplicada livre para professores no âmbito do Programa Amazônia 2020.

Já o segundo edital, referente ao Auxílio Pesquisador para Projetos Transfronteiriços⁵, apoiava projetos que desenvolvessem atividades de mobilidade, tanto de alunos quanto de professores, em instituições do entorno geográfico internacional, ou seja, na Guiana Francesa e Suriname. Como a UNIFAP já possui acordos de cooperação técnico-científica com universidades nestes dois países, os objetivos eram incentivar a promoção da mobilidade discente e docente e o desenvolvimento de pesquisas em conjunto.

Nota-se assim que, algumas ações, como a mobilidade discente e docente, são desenvolvidas pela própria instituição, outras, como o desenvolvimento de pesquisas, dependem de ações mais individualizadas, ou seja, das relações interpessoais estabelecidas pelos docentes (DUARTE, R. G.; CASTRO, J. M. de; CRUZ, A. L. A.; MIURA, I. K., 2012, p. 350).

O terceiro edital, este voltado à graduação, Seleção de Estudantes do *Campus* Binacional a Auxílio Mobilidade nas Regiões de Fronteira⁶ possibilitou aos estudantes do *campus* Oiapoque realizarem estudos em universidades de fronteira do Brasil. O propósito desta seleção era proporcionar experiências acadêmicas e produções de estudos comparados em outras regiões de fronteiras do Brasil por meio da mobilidade de pesquisadores em formação.

O segundo incentivo, este mais ligado às estratégias de internacionalização, deu-se por meio da criação de eventos internacionais no *Campus* Binacional. Neste sentido, menciona-se Elisa Justino, que, ao citar Jesús Sebastián (2004) no artigo *Internacionalização das Instituições de Ensino Superior: estratégia ou modismo* (2009), afirma que a internacionalização das instituições é o processo de introdução da dimensão

⁴ Edital nº 03/2015/PROCRI/UNIFAP, de 26 de março de 2015.

⁵ Edital nº 09/2015/PROCRI/UNIFAP, de 29 de junho de 2015.

⁶ Edital nº 14/2015/PROCRI/UNIFAP, de 11 de setembro de 2015.

internacional na cultura e na estratégia institucional, nas funções de formação, investigação e extensão e no processo da oferta e de capacidades da universidade (JUSTINO, 2009, p. 1).

Desse modo, considerando que as distâncias para promover o encontro de acadêmicos entre os países fronteiriços, a Guiana Francesa e o Brasil, são menores que entre as outras instituições que se localizam em Paris, por exemplo, e percebendo o interesse de profissionais da Université de Guyane (UG) em conhecer o território nacional, bem como as pesquisas realizadas na UNIFAP, foram realizados, logo após a assinatura da convenção entre as duas universidades, eventos internacionais que puderam legitimar tal cooperação. Entre eles, pode-se citar, no ano de 2016, a Jornada de estudos *Circulation dês individus, dês savoirs et des pratiques culturelles dans Le Plateau des Guyanes/Circulação de indivíduos, saberes e práticas culturais no Platô das Guianas*, realizada na Université de Guyane; e, em 2015, o *1er Rencontre Interuniversitaire de Lèttres UNIFAP et UG: 1ere Semaine de Lèttres du Campus Binational de l'Oyapoque: Échange Culturel des langues et littératures/1º Encontro Interuniversitário de Letras UNIFAP e UG: 1ª Semana de Letras do Campus Binacional de Oiapoque: Intercâmbio Cultural de Línguas e Literaturas* e o *1er Séminaire International de Criminologie de l'Oiapoque: Droits Humains et Système Pénitentiaire/I Seminário Internacional de Criminologia do Oiapoque: Direitos Humanos e Sistema Penitenciário*.

As reflexões sobre a mobilidade internacional, assim como as estratégias de internacionalização citadas neste relato de experiência, foram apresentadas, inclusive, no primeiro evento, realizado na Universidade da Guiana Francesa. É importante que mais eventos sejam compartilhados, e que gerem publicações bilíngues, para que os pesquisadores não somente apresentem resultados, mas também possam discutir as dificuldades em desenvolver pesquisa na Amazônia, certamente existentes na região de fronteira, e proposições para fortificar o debate entre as universidades.

É notório que os países que compõem o cenário do Platô apresentam características comuns, similitudes. Questões ligadas ao distanciamento

geográfico dos países citados, situação que os colocam em uma posição fora do eixo de produção científica mundial, ou ainda a dificuldade que as instituições têm em fixar pesquisadores nessa região, pois a maior parte deles tende a voltar às capitais, são recorrentes no debate entre as universidades.

Sobre isso, Ana R. F. Silva e Saint-Clair Trindade Jr., no texto *Pensando a diferenciação socioespacial na Amazônia: a sub-região fronteira internacional dos estados do Pará e Amapá* (2013), afirmam que o espaço de fronteira, embora esparsamente povoado, é marcado pela forte presença da população indígena e é detentor de uma realidade de caráter periférico, dado por condições particulares que são reforçadas pela ideia de fronteira política internacional, comumente interpretada como sinônimo de lugar distante, ou simples limite de demarcação geográfica, e que ganha maior força por estar localizada no extremo norte do espaço amazônico (SILVA, A. R. F.; TRINDADE JR., S. C. C., 2013, p. 44).

Assim, entende-se que a circulação interna, ou seja, entre os países que compõem o Platô, é o meio mais viável financeira e geograficamente para desenvolver pesquisas em todas as áreas, devido à pouca produção científica sobre a região. As mais comuns são nas áreas de ciências exatas, tecnologias e da saúde, sendo as primeiras realizadas na UNIFAP, no Brasil, na Université de Guyane, na Guiana Francesa, e na Anton de Kom Universiteit Van Suriname, no Suriname.

Nessa perspectiva, para que o processo de internacionalização continue a se desenvolver, deve-se efetivar o apoio entre as unidades e os departamentos acadêmicos que visem à cooperação técnica e científica nas áreas de ensino, pesquisa e pós-graduação nas universidades que se encontram nas regiões de fronteira. Para isso, é preciso ter em vista dois pontos: o primeiro, a importância da integração do corpo acadêmico composto por técnicos, professores e estudantes em formação nas instituições parceiras. E, segundo, fazer com que essa integração gere estudos sobre temas pertinentes ao local e que eles sejam realizados na região.

Com a circulação desenvolvida no Platô, pode-se, francamente, iniciar um debate em torno de novas perspectivas de pesquisa e de projetos de intercâmbio, desta vez visando especialmente ao Brasil e à Guiana Francesa. No mais, a cooperação internacional vem desempenhando um papel cada vez mais importante e estratégico na educação superior, o que a torna fundamental e indispensável para a expansão e para a qualidade dos programas acadêmicos oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior (CENERINO, A.; SILVA, O. H. da, 2008, p. 1). Por isso, a UNIFAP assinou acordos de cooperação válidos por cinco anos com a Université de Guyane e com a Anton de Kom Universiteit Van Suriname.

Contudo, de acordo com as explicações dadas por Maria Alice Nogueira, Andrea Moura de Souza Aguiar e Viviane Coelho Caldeira Ramos, no artigo *Fronteiras Desafiadas: a internacionalização das experiências escolares* (2008), o ensino superior, considerado o mais internacionalizado⁷ dos graus do ensino, tendo-se como base a análise de dados sobre mobilidade, mostram com os resultados, claramente, um forte aumento da internacionalização nas universidades, nos últimos anos. Ainda segundo as autoras, essa mobilidade universitária é fomentada pelo crescente número de parcerias entre universidades, acordos bilaterais e programas institucionais (NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A. M. de S.; RAMOS, V. C. C., 2008, p. 359).

Assim, entende-se que, para promover a circulação nas universidades, é preciso pensar nos sujeitos acadêmicos e em um dos principais problemas encontrados para as ações efetivas da internacionalização: o financiamento. Este é grande desafio das instituições, trabalhar com pouca ou nenhuma verba destinada prioritariamente para esse aspecto.

Ademais, observa-se uma carência de programas para auxiliar o deslocamento e a hospedagem de acadêmicos para que estes possam realizar a mobilidade internacional. No caso da região do Platô, como já foi

⁷ No artigo citado, explica-se que o ensino superior pode ser considerado, entre os níveis de educação (médio, técnico e superior), o mais internacionalizado porque é nele que ocorre o maior índice de mobilidade e de programas que favorecem o intercâmbio de estudantes do Brasil para o exterior.

apresentado anteriormente, as universidades estão bem mais afastadas das capitais urbanas, fato que certamente intensifica a necessidade da circulação, mais próxima e mais viável, pois, sabe-se que quando a mobilidade se realiza fora desta região, para outros países da Europa, por exemplo, os custos são bem mais elevados.

Nesse sentido, embora não se descarte, em hipótese nenhuma, a mobilidade para outros países mundo afora, o que se pretende priorizar no *Campus* Binacional de Oiapoque é que a internacionalização comece pelo Platô das Guianas, para que, *a posteriori*, ela possa se expandir aos outros países, sejam eles da América Latina ou não.

3 A UNIFAP E AS RELAÇÕES INTERINSTITUCIONAIS

Conforme exposto anteriormente, já existem assinados acordos de cooperação técnico-científica entre a UNIFAP e as universidades fronteiriças mais próximas: a Université de Guyane (Guiana Francesa) e a Anton de Kom Universiteit Van Suriname (Suriname). Porém, além destas, a UNIFAP também celebrou outros acordos de cooperação com universidades não tão próximas, entre elas, a Universidade de Toulouse (França), a Universidade de Alicante (Espanha), a Universitat Rovira I Virgili (Itália), a Universidade de Coimbra (Portugal), a Universidade de Lisboa (Portugal), a Monash University (Austrália) e a Universidade de Buenos Aires (Argentina).

Esses acordos de cooperação são, em sua maioria, similares e apresentam quase as mesmas características textuais, podendo-se destacar: 1) intercâmbio de professores-pesquisadores, estudantes e pessoal técnico e administrativo em função de necessidades específicas; 2) elaboração de programas conjuntos de formação e pesquisa; e 3) orientação científica comum de trabalhos de pesquisa (se for o caso, cotutela ou coorientação de tese).

As universidades localizadas na Guiana Francesa e no Suriname, que estão mais próximas da fronteira, contribuem para o sucesso dessas relações. Isso porque a proximidade territorial favorece o deslocamento, o

interesse intelectual das academias em saber mais sobre a cultura e as línguas faladas na região, e a riqueza de conhecimentos que pode ser compartilhada com o mundo ao se fortalecerem grupos de pesquisa nesse território, mais afastado dos grandes centros. Essas relações também intensificam as produções científicas em áreas afins, ou seja, aproximam aquelas que têm o mesmo objeto, e, se a pesquisa for feita com coleta de dados, as análises podem ser realizadas em conjunto e os resultados, compartilhados.

Desse modo, ao se pensar sobre tais fatores, comprova-se a seguinte assertiva: no que se refere aos países de destino, a circulação pelo exterior não apresenta um caráter homogêneo. Há, claramente, uma predileção por um grupo de nações, sinalizando que o valor da experiência educacional internacional varia segundo o país de origem e de destino.

Com efeito, conforme dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (vide NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A. M. de S.; RAMOS, V. C. C., 2008, p. 358), 62% dos estudantes estrangeiros no mundo provêm de países ditos "do sul" (países em desenvolvimento) e se dirigem a países "do norte" (em geral, desenvolvidos). Por outro lado, 30% da mobilidade estudantil ocorre entre países desenvolvidos e apenas 8% dos estudantes do sul realizam seus estudos em outro país do sul (Ennafaa, 2004/2005)

Diante desse quadro, convém questionar quais são os caminhos propostos pelas nossas universidades para alterar essa realidade. Verificar, por exemplo, se há projetos de mobilidade conjunta; cooperação entre as instituições, publicações conjuntas entre as universidades e, principalmente, se existem objetos de pesquisa que são comuns nos dois países.

Todas essas perguntas podem ser respondidas a partir de iniciativas particulares das universidades. De acordo com Jadson Porto, no artigo *Expectativas da fronteira da Amazônia setentrional: a busca pela interação do Platô das Guianas* (2013), a fronteira setentrional brasileira, principalmente o trecho que envolve o estado do Amapá e a Guiana Francesa, Departamento

Ultramar⁸ pertencente à França, possui uma posição estratégica para os seus respectivos territórios nacionais (PORTO, 2013, p. 173). No entanto, reitera-se aqui que não há, até o presente momento, um programa que possa englobar tais fatores e favorecer as instituições do Platô das Guianas. Logo, sugere-se que esta questão deva ser colocada em discussão nos próximos eventos que contenham pesquisadores da região, de maneira também a aproximar os estudos que já vêm sendo realizados. Dessa forma, acredita-se que com o incentivo a mais publicações, pesquisas e intercâmbio interinstitucionais, a ciência trará maior visibilidade para a região.

No Oiapoque, *Campus* Binacional da UNIFAP, há uma demanda de acadêmicos que possuem uma boa produção na universidade, um bom currículo, e, principalmente, interesse em realizar mobilidade, mas que não têm condições financeiras para estudar em outro país. Estes potenciais estudantes precisam de auxílios, tais como bolsas ou programas voltados a esse benefício. Atenta a esta situação, e como ainda não conta com um programa específico para possibilitar a mobilidade do Brasil para a Guiana Francesa, a primeira fronteira do Platô, a UNIFAP realizou, no *Campus* Binacional, em dezembro de 2015, a primeira visita técnica de estudantes ao país com programação na Université de Guyane (UG), no Institut de Recherche pour Le Développement (IRD) e em museus de Caiena, a capital da Guiana Francesa.

Para tanto, a UNIFAP destinou um edital para a seleção dos estudantes que integraram a missão, e, graças ao acordo de cooperação já realizado com a Université de Guyane, a hospedagem e a alimentação, assim como a programação, foram garantidas.

Através da iniciativa, observa-se que a realização de atividades planejadas por ambas as instituições consolidam os acordos, assim como geram novos encontros. Para os acadêmicos em formação, o conhecimento de novas pesquisas, bem como o contato com a estrutura e com áreas de atuação de outras instituições, contribui para a formação do perfil

⁸ Vale ressaltar que, atualmente, usa-se, na Guiana Francesa, a expressão *Communauté territoriale* (comunidade territorial) em lugar de *Département d'autre-mer*.

profissional. Além disso, tais conhecimentos auxiliam no plano de carreira universitário, pois permitem aos estudantes perceberem a necessidade de aprenderem línguas estrangeiras e refletirem sobre os caminhos que poderão seguir na pós-graduação *stricto sensu*.

Ademais, é possível afirmar que aqueles que se beneficiaram da oportunidade de aprender/praticar uma língua *in loco* acabaram por se distinguir daqueles que não puderam senão aprendê-la em seu próprio país de origem, de maneira escolar, formal (livresca) e, portanto, imperfeita (NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A. M. de S.; RAMOS, V. C. C., 2008, p. 366). Dessa maneira, a institucionalização de ações que focam a mobilidade no *campus* contribui com a preparação desses acadêmicos, por exemplo, por meio da criação de cursos de língua estrangeira e programas de estágio internacional.

Além das questões ligadas à mobilidade, o Plano Nacional da Educação do Brasil, aprovado pela Lei nº 13.005/2014, apresenta, dentre as vinte metas do plano, duas que estão diretamente ligadas ao ensino superior e à internacionalização e que devem ser consideradas como referência: a Meta 13.7, que visa fomentar a formação de consórcios entre instituições de ensino superior (IES) públicas, com vistas a potencializar a atuação regional, inclusive por meio de plano de desenvolvimento institucional integrado, assegurando maior visibilidade nacional e internacional as atividades de ensino, pesquisa e extensão; e a Meta 14.9, que visa consolidar programas, projetos e ações que objetivem a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação brasileiras, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa (PNE, 2014)⁹.

Com base na lei citada, e ainda considerando o efetivo processo de internacionalização, nota-se que é preciso motivar, primeiramente, professores a criar projetos entre as universidades que têm acordos de cooperação em vigor, para que estes sejam compartilhados, e também estimular o encontro entre pesquisadores das instituições que ainda não

⁹ BRASIL. Lei nº 13.005, de 26 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 20 ago. 2016.

possuam acordo de cooperação técnico-científica, para, desta forma, favorecer o desenvolvimento de uma rede internacional de produção acadêmica.

Antônio Flávio B. Moreira, no texto *Estudos de currículo: avanços e desafios no processo de internacionalização* (2009), explica que o apoio às conversas acadêmicas, que se verificam no interior e além de fronteiras regionais e nacionais, constitui um esforço por aprofundar e socializar as pesquisas e os estudos que se centram no conteúdo, no contexto e no desdobramento do processo educativo, cujo centro organizacional e intelectual é o currículo (MOREIRA, 2009, p. 379).

Por isso, a internacionalização deve ser pensada a partir da formação de um currículo que possa também contemplar ações em outras instituições, e, assim, refletir sobre a formação de pessoas que possam intercambiar conhecimentos em funções diversas. No caso de estudantes de graduação, uma proposta é a criação de disciplinas que tenham como objeto sujeitos comuns aos dois países, a fim de que a elaboração do currículo possa ser construída a partir de um quadro internacional.

4 AS PROPOSTAS PARA AS UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES DO PLATÔ DAS GUIANAS

Dentre as propostas apresentadas na Jornada *Circulação de indivíduos, saberes e práticas culturais no Platô das Guianas*, realizada em junho de 2015, na Universidade da Guiana Francesa, evento que originou a reflexão que serviu de base para a escrita deste relato de experiência, foram apresentadas algumas sugestões que podem servir para as instituições do Platô.

Primeiramente, é preciso que haja formação profissional para os acadêmicos, sejam eles estudantes ou servidores. No caso dos primeiros, faz-se necessário adquiri-la com excelência na universidade de origem, e, nesse sentido, a mobilidade pode ser uma ferramenta eficaz.

Já no caso dos servidores, a qualificação é fundamental para a progressão de carreira e bem intelectual do funcionário público. Assim, no que tange à aprendizagem de línguas estrangeiras, por exemplo, entende-se que seu estudo não deve ater-se apenas à teoria, devendo ser, preferencialmente, praticadas nas regiões em que são faladas, para que, dessa forma, possam ser apreendidas em conjunto com novos conhecimentos culturais e práticos.

Pessoas com esse conhecimento sabem melhor se adaptar às situações de conflito, são mais dinâmicas e a maioria consegue um trabalho quando chega ao fim da graduação. Nesse sentido, conforme Arnaldo Montalvão pontua no texto *Diferenciação institucional e desigualdades no ensino superior* (2015), ao discorrer sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), as diretrizes estabelecem que a diferenciação (da formação) deva acontecer tanto no plano vertical, com a diversificação das instituições e o tipo de formação por elas oferecido, quanto no horizontal, com o reconhecimento de objetivos e conteúdos educacionais múltiplos (MONTALVÃO, 2015, p. 132).

Dessa maneira, deve-se pensar a formação profissional desde as bases, e isso inclui os cursos de graduação, pois, estes devem considerar a formação de estudantes para que eles possam trabalhar não somente nos locais onde estudaram, seja em nível de licenciatura ou de bacharelado, mas também para que eles tenham a oportunidade de obter um emprego, por exemplo, nos países que compõem o território do Platô.

No mais, para ter uma boa formação profissional, é importante que o estudante desenvolva suas competências, a aprendizagem experimental, ou seja, prática. Como fazê-lo? Realização de estágio e programas de integração para a aquisição de duas dimensões essenciais: as perspectivas globais e outras competências, para que ele possa aprender com o outro, ver novas perspectivas. O desafio da UNIFAP é usar a diversidade como um ponto para valorização das culturas e dos espaços fronteiriços.

E, apesar da mobilidade ser apenas um recurso para a internacionalização, importa lembrar que ela não existe sozinha. Ela auxilia

a formação profissional, pois pode ser feita por meio de planejamento entre as instituições, e ainda contribui para a criação de grupos de pesquisa, nos quais há indivíduos que começam seus estudos na universidade de origem, e as pesquisas tornam-se expansivas, atingindo mais pessoas, graças à circulação no território, evidentemente, acadêmico.

Tomando-se como referenciais as universidades do Platô, ainda é preciso favorecer o deslocamento neste território. Aproveitar o conhecimento produzido, inclusive, para valorizar as culturas e saberes populares dentro e fora da universidade, tais como a cultura ameríndia, das populações quilombolas e dos imigrantes que compõem este cenário tão diverso e multilinguístico.

Há muito para se discutir, em termos de pesquisa, sobre essa região. Alguns estudos podem ser mais explorados, entre eles, podem-se destacar as línguas indígenas e crioulas, a produção de artesanato ameríndio e a gastronomia diversificada da fronteira.

Sendo a Amazônia certamente um ponto de interesse para o mundo, não é difícil encontrar pesquisadores que têm produção científica sobre a região, até mesmo sobre o Platô, mas que nunca estiveram *in loco*.

Ainda nesse contexto, é possível apontar um movimento de imigração científica: pesquisadores que vêm ao Platô realizar seus estudos, e, ao final dele, levam os resultados de seus trabalhos para seus países de origem. Isso quer dizer que, dentre os pesquisadores universitários desta região, há uma quantidade que só vive nestes países, nas fronteiras, durante os estudos, e depois de três ou quatro anos voltam aos seus países de origem sem se fixar no território, e poucos dão continuidade aos trabalhos iniciados.

Nesse sentido, é preciso incentivar os centros de pesquisas no Platô para que busquem formar atores do contexto local, desenvolvendo-os por meio da formação profissional, para que, dessa forma, mantenha-se um número de cientistas com produção internacional sobre a região.

Susana Gonçalves, da Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra (ESEC), ao relatar uma experiência de internacionalização "em casa", explica como se dá esse processo, a partir da

definição dada pela European Association for International Education (EAIE) e pela a Academic Cooperation Association (ACA). Nos termos da autora, a Internacionalização em casa (IaH) refere-se a qualquer atividade que possua uma dimensão internacional, à exceção das atividades que implicam a mobilidade para o estrangeiro de estudantes e docentes nacionais (GONÇALVES, 2009, p. 141). Ademais, esta estratégia é uma iniciativa que não custa tão caro para as universidades que se localizam na fronteira, pois, se comparadas às da capital, elas têm as instituições bem mais próximas, em termos geográficos.

Devido a essa proximidade, os eventos na fronteira tendem a favorecer o contato entre os dois países fronteiriços, assim como a tornar a participação de palestrantes internacionais mais frequente. Esta estratégia também favorece a troca de experiências acadêmicas. A UNIFAP, por exemplo, tem uma parceria efetivada com o programa BRACOL¹⁰, que realiza a circulação na América do Sul, especialmente, entre o Brasil e a Colômbia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho, construído a partir do trabalho desenvolvido pela DICRI/UNIFAP, no *Campus* Binacional de Oiapoque, foi questionar e propor alternativas para a viabilização da internacionalização da educação levando-se em consideração as fronteiras.

Assim, considerando a experiência vivenciada e as fontes teóricas consultadas, observou-se que, para os estudantes, é preciso pensar em uma adaptação do currículo profissional com a realização de estágios entre os países e cursos de língua estrangeira para a motivação da aquisição de novas culturas, já que, de acordo com Luciane Stallivieri, na publicação

¹⁰ O Programa *Intercambio de Estudiantes Brasil-Colombia* (BRACOL) é constituído pela *Asociación Colombiana de Universidades* (ASCUN) e pelo *Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras* (GCUB), que são seus patrocinadores. A seleção é feita pela UNIFAP, tendo como base elementos como o histórico acadêmico do estudante e o percentual de disciplinas cursadas. O selecionado será patrocinado pela universidade de destino e terá direito aos benefícios do BRACOL, tais como isenção do pagamento de taxas, alimentação, hospedagem, e acesso à programas de apoio e reconhecimento dos créditos na universidade de origem.

Estratégias para a internacionalização do currículo: do discurso à prática (2016), com a realidade atual de um mundo altamente globalizado, novas competências são exigidas dos estudantes, futuros profissionais, que em breve estarão exercendo as suas atividades no mercado de trabalho. Neste sentido, conhecimento altamente qualificado, domínio das novas tecnologias, conhecimento de línguas estrangeiras já estão colocados como pré-requisitos para um bom currículo (STALLIVIERI, 2016, p. 6). Para tanto, demonstrou-se que a oferta de bolsas, sejam elas com recursos próprios da universidade ou com participação de instituições parceiras¹¹, é um dos facilitadores quando se trata de territórios próximos, fronteiriços.

Além disso, apontou-se que a criação de parcerias com universidades que têm pesquisa na mesma área, principalmente aquelas que já possuem um histórico de internacionalização, certamente são fundamentais para a formação de profissionais engajados nas pesquisas referentes às questões do Platô das Guianas.

Já no que diz respeito aos professores, constatou-se ser preciso discutir condições que possam aumentar a produção acadêmica, tais como eventos e publicações no contexto internacional e bilíngues.

Diante do aqui exposto, é possível concluir que hoje a internacionalização ganha lugar de destaque no debate universitário entre discussões para ações e estratégias, sendo o financiamento o principal desafio para todos. Neste sentido, é preciso ter em mente que a formação cultural é essencial para o desenvolvimento humano e profissional, e estes itens devem ser integrados pelo sistema acadêmico a fim de que, após sua formação, os profissionais possam trabalhar em vários locais da região. Para tanto, torna-se essencial ligar o ensino à pesquisa para o desenvolvimento do contexto global. As universidades devem trabalhar em equipe. Os investimentos devem ser feitos para que seja possível a criação de intermediadores voltados à motivação da aprendizagem das culturas, e, assim, se possa melhor compreender o contexto desta parte da Amazônia,

¹¹ Na UNIFAP, tem-se a parceria com o programa Santander Universities.

especialmente, para o desenvolvimento desta região complexa, multicultural e com fronteiras ainda a serem desveladas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 26 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 20 ago. 2016.

CENERINO, A.; SILVA, O. H. da. A cooperação internacional e o processo de internacionalização das universidades estaduais do Paraná. In: ENCONTRO DA ANPAD, 32, 2008, Rio de Janeiro/RJ. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/APS-B801.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

DUARTE, R. G.; CASTRO, J. M. de; CRUZ, A. L. A.; MIURA, I. K. O papel dos relacionamentos interpessoais na internacionalização de instituições de ensino superior. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 01, p. 343-370, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ESO2227.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

GONÇALVES, S. Internacionalização em casa: a experiência da ESEC. **Exedra**, 1, Coimbra, jun. 2009, p. 139-166. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3398339.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. **Censo 2016**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=160050>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

JUSTINO, E. K. Internacionalização das instituições do ensino superior: estratégia ou modismo. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 9, 2009, Florianópolis/SC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/36933>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

MONTALVÃO, A. Diferenciação institucional e desigualdades no ensino superior. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 88, p. 129-145, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v30n88/0102-6909-rbcsoc-30-88-0129.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

MOREIRA, A. F. B. Estudos de currículo: avanços e desafios no processo de internacionalização. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, p. 367-381, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a03.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A. M. de S.; RAMOS, V. C. C. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 355-376, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PORTO, J. L. R. Expectativas da fronteira da Amazônia setentrional: a busca pela interação do Platô das Guianas. In: PORTO, J. L.; NASCIMENTO, D. M. **Dinâmicas periférico-estratégicas da fronteira da Amazônia setentrional**: das políticas públicas e redes institucionais à integração espacial. Rio de Janeiro: Publit, 2013. p. 165-184.

PORTO, J. L. et al. Reformatação da fronteira amapaense: das políticas públicas aos planos diretores e ambientais. In: PORTO, J. L.; SOTTA, E. D. (Orgs.). **Reformatações fronteiriças do Platô das Guianas**: (re)territorialidades de cooperação em construção. Rio de Janeiro: Publit, 2011. p. 21-49.

SILVA, A. R. F. da; TRINDADE JR., S. C. C. Pensando a diferenciação socioespacial na Amazônia: a sub-região fronteiriça internacional dos estados do Pará e Amapá. In: PORTO, J. L.; NASCIMENTO, D. M. **Dinâmicas periférico-estratégicas da fronteira da Amazônia setentrional**: das políticas públicas e redes institucionais à integração espacial. Rio de Janeiro: Publit, 2013. p. 31-62.

STALLIVIERI, Luciane. Estratégias para internacionalização do currículo: do discurso à prática. In: LUNA, J. M. F. **Internacionalização do currículo**: educação, interculturalidade e cidadania global. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 157-177.